

VULTOS DA GEOGRAFIA DO BRASIL



Juiz da Corte Arme.

BARÃO DE LADÁRIO

1825 — 1904

NA memorável manhã do dia 15 de Novembro de 89, uma carruagem, vinda das bandas do mar, é estacada próximo ao Quartel General por uma escolta republicana cujo comandante dá uma voz de prisão. Estampidos de vários tiros foram a resposta eloquente. Terminado o duelo, estava ferido o Almirante José da Costa Azevedo — Barão de Ladário —, ministro da Marinha do Império do Brasil.

Este episódio, se demonstra a situação de marinheiro e político de Costa Azevedo, não quer definir a sua atuação exclusivamente no plano da História Política ou Naval do Brasil, mas, antes de tudo, fixar através uma atitude, o caráter firme e decidido de um homem que conhecia o seu lugar.

O perfil do Barão, do ponto de vista tanto físico como psicológico e moral, identifica-se na retidão e firmeza. Durante sua alongada existência não faltaram episódios nem atitudes, confirmando isso.

O Barão de Ladário, certo, não foi um geógrafo no sentido estrito do termo, porém teve atuação assaz meritória na construção da geografia brasileira, sobretudo no setor da geografia das fronteiras e no campo cartográfico, astronômico, meteorológico e hidrográfico do nosso setentrão. No entanto, sua inteligência não se projetou somente no amplíssimo horizonte geográfico. Di-lo sua carreira náutica, as colunas de "O Povo" (no Rio G. do Sul), as missões que a República lhe confiou, etc., etc.

A atuação de Costa Azevedo no campo geográfico teve início provável quando integrou por 5 anos e outros tantos meses (1852-57) a Comissão Demarcadora dos Limites entre o Brasil e o Uruguai.

Em 1858 foi designado para explorar e reconhecer a região litorânea com a Guiana Francesa. Durante o desempenho dessa missão, dirigiu ou executou, trabalhos hidrográficos e cartográficos esclarecedores dos limites com a possessão francesa, e ainda desenvolveu atividades extra-programa como a determinação de novas coordenadas para Belém e Caiena, exploração do litoral e de rios na região do Amapá.

Surge então a oportunidade para que viesse a se distinguir dentre os demarcadores. O governo imperial, querendo dar execução ao tratado de 23 de Outubro de 1851, que regulava a nossa fronteira com o Peru, designa Costa Azevedo para nosso comissário, tendo em vista seus excelentes serviços. Neste posto se mantém de 1861 a 64 e novamente de 1865 a 68. O que se fez — e foi muito — e o que faltou fazer — e foi pouco — vem clara e sucintamente descrito na Defesa da Comissão Mista Demarcadora dos Limites do Brasil e Peru — 1871. No mesmo ano de 1868, dando ao ardente desejo seu, seguiu para o sul do país afim de participar das lutas com o Paraguai, quando tem ocasião de revelar suas qualidades de combatente.

A ação de Costa Azevedo, no plano do interesse geográfico, acha-se intimamente ligada ao cenário amazônico, tanto em referência ao quadro natural como às proporções.

Embora o principal encargo se condensasse na demarcação, não menos valiosos foram os trabalhos realizados extra-instruções, no "esforço para o conhecimento do Amazonas, encarado por sua feição geográfica, física e astronômica", como ele mesmo escreve. A comissão brasileira pôde fixar a linha que, partindo das cabeceiras do Igarapé Santo Antônio, encontrava o Japurá e por ele descia até à foz do Apaporis, "na extensão de 321 403 metros", linha "que se não sabia a diretriz" e inexistente chamada Tabatinga-Apaporis. A respeito da geodésica Santo Antônio-Japurá, que durante muito tempo se considerou como interrompendo o curso do Içá por duas vezes, convém notar que tal não acontece, pois a referida linha, como a determinou Azevedo, secciona aquele rio uma só vez, conforme foi ratificado pelos recentes trabalhos do Coronel Renato Rodrigues Pereira.

Entre 1866 e 67 realizou-se uma exploração do rio Javari, da qual foi encarregado, de nosso lado, o Capitão-tenente João Soares Pinto, um dos melhores coadjutores de Azevedo. Esta expedição, na altura da Barranca do Martins, teve que retroceder ante um ataque dos indígenas, o qual resultou na morte do enviado brasileiro. Em 1868, paralisada a demarcação pela retirada do comissário peruano, procedeu à exploração dos rios Içá — da sua embocadura até intersecção com a famosa geodésica do Apaporis — e Japurá até à foz do seu não menos famoso afluente pela margem esquerda.

Das atividades que desenvolveu e superintendeu no setentrão, Azevedo nos dá um resumo — que ele apresenta como argumento poderoso do dever bem cumprido — quando se defende das acusações que sofreu por motivos de política. Este resumo encontra-se na Breve resposta às arguições feitas contra o procedimento do chefe da comissão nomeada para demarcar os limites do Brasil com o Peru — 1864.

Os discursos, relatórios, ofícios, anotações e outros escritos do ilustre deslindador, são um rico manancial de valor geográfico e histórico indiscutível. A relação bibliográfica, direta ou indireta, de Ladário é extensa e refere-se, na maior parte, ao norte do Brasil. Quer na biografia elaborada pelo Sr. Castilhos Goycochea (principalmente no que se refere à cartografia), quer no Dicionário Bibliográfico de Sacramento Blake (em geral), quer na Biblioteca Nacional (aonde se acham os arquivos do Barão) encontram-se amplas listas. Quanto ao sul, destacamos: 1 — A questão das Missões à luz dos documentos históricos (artigos editoriais de "A Tribuna" — 1891). Sobre o mesmo assunto escreveu no "Correio do Povo" e "Jornal do Comércio", no mesmo ano. 2 — O Sr. Quintino e o litígio das Missões ("Jornal do Comércio", Janeiro e Fevereiro de 1892). 3 — O Porto de Antonina. 4 — Carta hidrográfica do Rio Grande, desde a barra até acima da ilha dos Marinheiros — 1853.

Durante o Império fôra distinguido com várias honrarias, entre as quais o título de Barão, em 1885, em reconhecimento aos seus serviços militares. Em 1862 tornou-se sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ao qual oferecera a memória científica "Investigação Astronômica". De 1878 a 81 representou o Amazonas na Câmara dos Deputados.

Sua vida é um exemplo de patriotismo verdadeiro, sem a mácula do particularismo sobreposto ao interesse nacional. Foi um combatente — nunca deixou de o ser — de muitos combates. Quando morreu, faltava menos de um mês para completar 80 anos. Uma longa existência bem vivida para o nosso Brasil.